

AS INVASÕES DO REI DOM BACILOKÓKOS



História e Ilustração

Helena Ponte

Livro recomendado
Infarmed I.P. – Autoridade Nacional de Medicamentos e Produtos de
Saúde, I.P.

Edição

Autor

História e Ilustração

Professora Doutora Helena Ponte

Revisão editorial

Carlos Pires

ISBN Nº 978-989-8369-13-0



Agradecimentos

Esta obra é um projeto pessoal que contou com o apoio da médica pediatra
Professora Doutora Maria do Céu Machado

– Bom dia Senhora Professora!

Cumprimentou Duarte a Professora Teresa, antes de entrar na sala de aula. No usual reboliço da manhã, quando as vozes das crianças se misturam com gestos e gargalhadas, à medida que vão despindo, lentamente, casacos quentinhos, cachecóis enrolados e gorros pingados.



A cadeira da Madalena é que continuava vazia, reparou o rapaz olhando ao seu redor e franzindo a testa. A sua melhor amiga estava doente, e nessa tarde, Duarte pediu à mãe para a ir visitar.

– Antes, temos de perguntar se pode ser! – Alertou a Senhora Susana. – Porque há doenças que se pegam muito, e não as queremos andar por aí a espalhar, pois não?



– Pois não! Vou escolher uma flor para lhe levar. – Concordou o garoto sem ouvir tudo o que a mãe lhe dizia, já perdido nas cores vivas e cheirinhos delicados da banca da Dona Bem-Me-Quer.



Madalena já esperava Duarte, no seu quarto, de volta dos livros. A estudar com ela, sob um candeeiro curvado, estava Gatafunho refastelado a passar pelas brasas. Um gato enorme, cor-de-laranja, com pelos brancos compridos a saírem-lhe das orelhas, prenda da Madalena pelo seu primeiro dia de aulas. Deixando a menina tão feliz, que o apertou contra si e gritou: – Vou levá-lo comigo! Temos de escolher um nome!



Ao ouvir aquilo, o bichano esbugalhou os olhos, ligeiramente tortos, e de um pulo só, soltou-se do abraço que o estafegava, indo enfiar-se na mochila da menina, onde aproveitou para afiar as unhas, despedaçando a caixa nova dos lápis de cera da Madalena.

Claro que mal saiu do esconderijo, foi deixando atrás de si um rasto de gatafunhos de mil cores no chão, e estava escolhido o seu nome! Gatafunho.

Embora nunca tivesse ido à escola.



Ouvindo o olá do Duarte, Gatafunho sacudiu a cauda e saiu à socapa, não fosse o miúdo ser agarrador. Daqueles que espremem os gatos até os deixar quase carecas de tantas festinhas!

– Que bom que vieste! – Mostrou-se Madalena contente. – Com tanto frio, ainda não posso ir à rua.

– Mas estás melhor! – Percebeu Duarte, vendo-a alegre.

– Agora sim! Depois de ter tomado os medicamentos que o pediatra me receitou! – Queixava-se ela, farta de não sair de casa.

– Tomaste antibióticos? – Perguntou Duarte.

– Não, porque estava só constipada. Não se tomam antibióticos por dá cá aquela palha! – Riu-se a menina, imitando a voz do seu médico! – Quando não são precisos, os antibióticos não só não nos fazem bem, como fazem mal às outras pessoas e aos animais.

– Ora, pensava que eram poções mágicas para qualquer doença! – Confessou Duarte, dececionado.



– Nada disso! O doutor disse-me que só as doenças causadas por bactérias más é que se tratam com antibióticos. Agora gripes e constipações, nem pensar! – Ria-se Madalena.

– Mas há bactérias boas?! – Gaguejou o rapaz, admirado.

– Ah, pois há! A mãe trouxe da farmácia um livrinho para crianças, sobre bactérias e antibióticos, que o Dr. Remédios lhe deu, e que fala delas! Um

livro só para nós, que somos especiais! – Refletiu Madalena, que ainda não tinha pensado nisso.

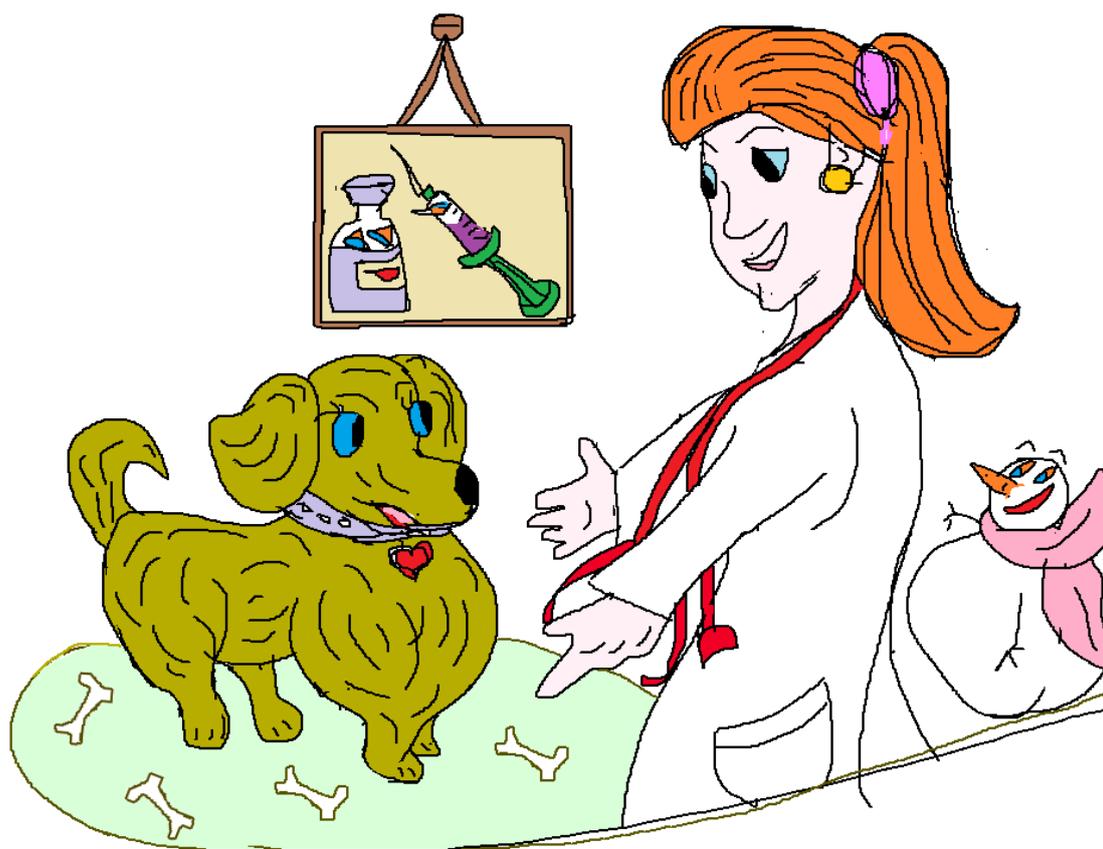


– Somos pois! – Levantou Duarte os ombros. – Dizem que aprendemos muito melhor que os adultos!

E convencidos, escangalharam-se ambos a rir.



– Os animais também tomam os mesmos antibióticos que nós! – Voltou Duarte ao assunto. – A Dra. Vétinha disse à minha prima Carlota o mesmo que o teu pediatra, depois dum raspanete por ela ter perguntado se podia dar à Rabiscos os restos de antibiótico que sobravam lá por casa! Porque os antibióticos são para tomar até ao fim, conforme vem escrito nas receitas, e caso sobrem, são para devolver nas farmácias.



– Lá está! Os antibióticos que são bons para uns, podem ser maus para outros, tudo depende das bactérias a atacar. Foi por isso o meu pediatra andou à cata dalguma bactéria má na minha garganta para, caso a encontrasse, escolher o melhor antibiótico para acabar com ela. E com a família dela toda! – Acrescentou Madalena. – Mas, entretanto, fiquei boa. Desta vez estava apenas constipada e sem bactérias más!

– Mas se ele as tivesse encontrado? – Insistia o miúdo, já a imaginar superbactérias contra bactérias super-heróis e antibióticos justiceiros...

– Nesse caso ele voltava para receitar o antibiótico certo! E também porque sem receita nada feito na farmácia, sabias?! – Perguntou Madalena.

O Duarte estava tão distraído que nem respondeu. Mas não sabia! Nem sabia que havia receitas para animais!

Olhava de lado para o Gatafunho, que não parava de lamber cara e bigodes como se fosse de açúcar. Mas sem tirar o Duarte de mira!

Como um antibiótico à caça de bactérias más.

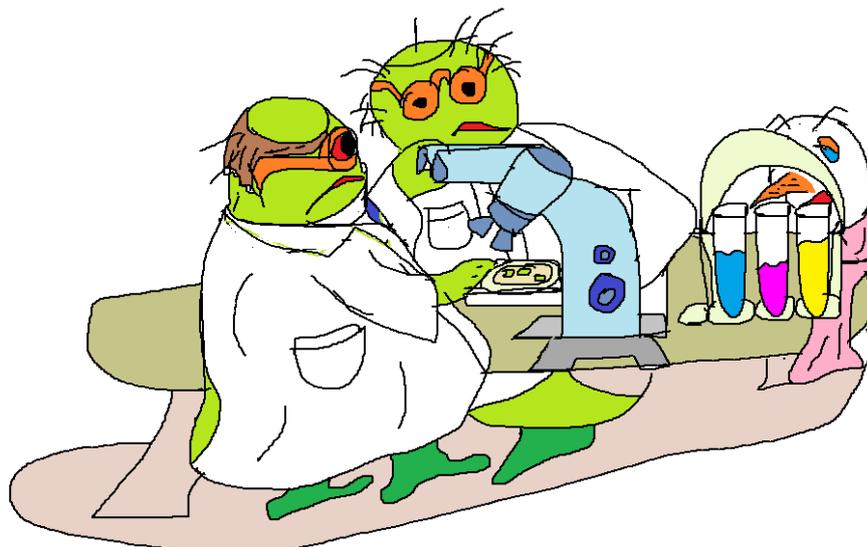


Madalena percebeu o receio do amigo e descansou-o: – O Gatafunho quer é estórias. Deixa cá ver se encontro o tal livro para o lermos também para ele. Correndo logo Gatafunho, todo empertigado, a aninhar-se entre os garotos, estendidos num tapete de barriga para baixo, pernas a esvoaçar, e mãos a amparar as cabeças sobre “As Invasões do Rei Dom BaciloKóKos”. Que começava assim:



Há muitos milhares de anos, viviam no Reino Protista, todas felizes e contentes, triliões e triliões de bactérias, de muitas formas e feitios.

Uma delas era o Doutor Bactériacida, cientista brilhante que desenvolveu a fórmula secreta dum antibiótico para combater as bactérias inimigas de Sua Alteza Malvada, o Rei Dom BaciloKóKos.



Até que um dia, a Terra passou também a ser habitada por gigantes. Uns, eram pessoas e animais do Reino Animália, sempre a girarem de um lado

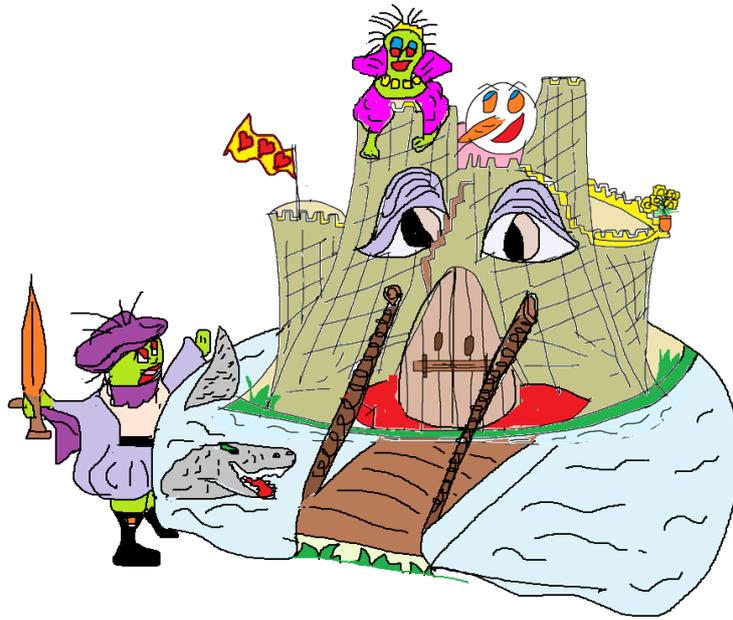
para o outro. Enquanto outros, eram as plantas do Reino Planté, que brotavam da terra ou da água, dando cor ao mundo e o ar que respiramos.



Quem nunca engoliu esta invasão, foram as bactérias do Reino Protista, com mau feitio! Bactérias más, que queriam dominar o planeta, dando cabo dos gigantes, que as não conseguiam ver, e a quem elas chamavam, com desdém, castelos andantes!

O plano das bactérias más era assaltar cada castelo andante mal abrissem o portão principal, que era a boca. Por onde entrariam coladas às mãos sujas ou a alimentos, evitando cair antes, no fosso dos crocodilos! Depois, bastava esgueirarem-se por uns túneis escorregadios e pintarem a manta no corpo dos gigantes até os deixarem doentes!

E um dia atacaram em força!



Com o que as bactérias más não contavam, era com uma receção de más-vindas à chegada! Porque nos intestinos dos gigantes há muito que vivem, aconchegadas e protegidas, famílias de bactérias com muito bom feitio.



Eram bactérias boas e úteis, que protegem o organismo, ajudando nalgumas tarefas.

– As traidoras! – Como lhes chamava Dom Bacilokókos, enraivecido.

Ora as bactérias boas, eram muitíssimo mais que as bactérias más, mas as más eram muitíssimo mais fortes que as boas! Logo, quando se pegaram umas com as outras, as bactérias boas que sobreviveram ficaram reféns das más e, revoltadas, tornaram-se más também. E os gigantes iam adoecendo.



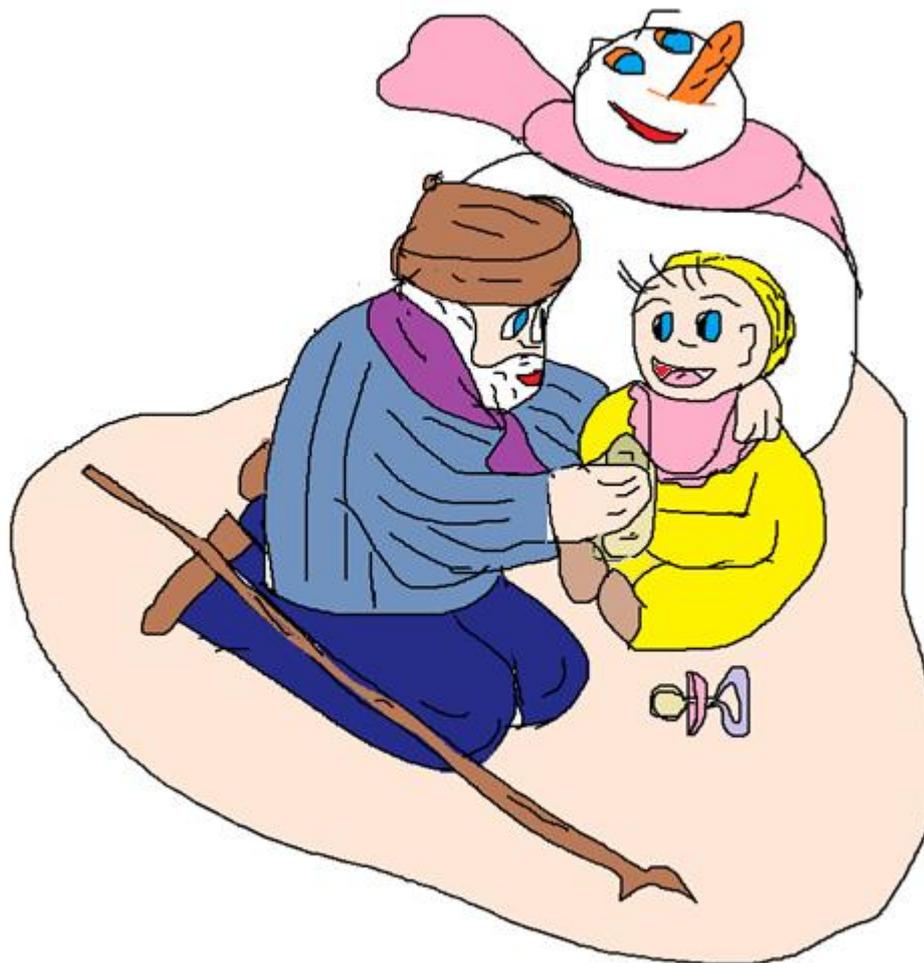
Aconteceu, porém, passar um dia por uma aldeia de gigantes, um velho sábio, que esfomeado e sem ver viva alma, foi batendo de porta em porta, até que uma delas, encostada, se escancarou, e pedindo licença, o homem entrou, dizendo: – Ó da casa!

– Não há ninguém! – Pensava ele junto da lareira fria, onde a sua fome viu um pão bolorento a chamar por si.

Depois de parar de ouvir o seu estomago resmungar, com as migalhas que comeu, o sábio começou a ouvir, desta vez, um bebé a chorar ali por perto. Pelo que correu a buscar água mais uns nacos de miolo bolorento, não fosse a criança que ouvia também ter fome.

Era uma garotinha, com febre, a quem o sábio foi dando pedacinhos de miolo à boca, devagarinho, mas tão devagarinho, que adormeceram ambos, não se sabe por quanto tempo! Pois quando o sábio acordou, estremunhado, tinha pasmo à sua frente um casal a olhar para a gigantina, que brincava com uma boneca despenteada.

Rindo muito de cada vez que a abanava, e a boneca mais despenteada ficava.



Acabara de descobrir que o bolor curara a menina, e correu a reparti-lo com todos os gigantes doentes, salvando-os em poucos dias!

Disse-se, muitos séculos depois, que Fleming foi o primeiro cientista a descobrir o primeiro antibiótico a que chamou Penicilina. Mas o primeiro, o primeirinho, foi o Doutor Bactériacida, e a seguir o sábio da nossa história! Mas voltando à nossa história!

Quem odiou saber da cura dos gigantes foi Dom Bacilokókos, percebendo que também eles tinham descoberto armas antibióticas para se defenderem das bactérias más.



Tinha de contra-atacar! Recrutar as bactérias mais fortes e maléficas do Reino, e prender as boas para as transformar em mutantes do pioro.

Teria um exército invencível! Ó se teria!

Entretanto os gigantes, com pavor de voltarem a adoecer, passaram a ter sempre em casa muito pão bolorento, que comiam e davam a comer sempre que se sentiam mal. Sem suspeitar que esse, era meio caminho andado para criarem bactérias resistentes.

A grande vingança de Bacilkókos.

Que voltou à carga com superbactérias, protegidas por armaduras invencíveis, onde o pão verdinho dos gigantes batia como flechas murchas. Os gigantes precisavam doutro antibiótico mais forte, e lá o conseguiram! Mas o tempo foi passando, e os ataques do Reino Protista é que nunca mais passaram. Alguns novos antibióticos foram salvando a vida aos gigantes, só que as ideias dos gigantes para fazer novos antibióticos, começou, aos poucos, a esgotar-se!

Enquanto as bactérias se tornam cada vez mais ladinas...



Temos de evitar a guerra com os Protistas mutantes e o segredo para vencer as batalhas do dia a dia contra as bactérias más é o uso muito responsável dos antibióticos que vamos tendo!

É o conselho dos sábios de hoje, os médicos e os médicos-veterinários, que sabem quais os antibióticos que as pessoas e os animais devem tomar, quando é preciso, e só quando é preciso.

Porque afinal, como alguém disse um destes dias: os antibióticos são para usar só em caso de emergência!



A história tinha acabado e o tempo tinha voado!

Gatafunho espreguiçava-se longamente, mas tão longamente que parecia, por momentos, um gato mutante...

Mas não!

De repente sacudiu a cabeça, passou as patas lambidas pelos olhos, e lá foi de guizo a abanar, mergulhar no prato do patê.

A Sra. Susana, que acabava de chegar, ainda apanhou o final da leitura dos miúdos, a quem fez ver: – Reparem que a história das bactérias más e dos antibióticos bons, não começa por “Era uma vez”, porque nunca acabará. Temos é de lhe dar todos um final feliz, no nosso dia a dia, usando apenas os antibióticos que nos receitam, tomando-os tal qual nos receitam, e só quando nos receitam.

Ao que as crianças responderam em coro:

– Agora já sabemos!

Porque os antibióticos são um bem da humanidade.

